

## Jornadas da Floresta

## O passado, o presente e o futuro da floresta em debate ao longo de dois dias

Agentes locais e investigadores lembraram o grande incêndio de 2016, lamentaram a falta de competências legais das câmaras municipais para agir no ordenamento florestal, apontaram algumas soluções para a prevenção de fogos e vincaram a necessidade de a comunidade se envolver na sua prevenção e combate. Foi ainda anunciada a criação de um "corredor ecológico" na estrada que liga Arouca a Alvarenga.

Sete meses após o grande incêndio que assolou o concelho, a Câmara Municipal de Arouca e o Círculo Cultura e Democracia organizaram as primeiras Jornadas da Floresta. A partilha de conhecimentos sobre a importância da floresta e sobre os desafios que nos coloca teve lugar nos passados dias 24 e 25 de Março, no auditório da Loja Interactiva de Turismo de Arouca. Agentes locais com vasto conhecimento e experiência no terreno e investigadores renomados partilharam experiências, opiniões e estudos sobre a floresta que é, em Arouca, um importante recurso natural e de dinamização económica.

«A preservação e o cuidado com a floresta não é um tema apenas dos bombeiros, do município ou das empresas que a exploram. É um tema de todos que toca a todos», afirmou o vereador do Ambiente, na sessão de abertura. Marcelo Pinho anunciou ainda a criação de um "corredor ecológico" na estrada que liga Arouca a Alvarenga. «É um projecto-piloto. Ao longo de 12 quilómetros, de cada lado da estrada, serão plantadas árvores autóctones resistentes ao fogo», revelou.

Já Manuel Brandão Alves, do Círculo Cultura e Democracia, defendeu que a maneira como tratamos a floresta é um suporte importante da democracia e admitiu que, dada a tipologia dos terrenos e das árvores e a interação humana com o ambiente, a problemática da floresta é complexa.

## A riqueza gerada pelo sector e a envolvimento da comunidade

No primeiro dia das Jornadas da Floresta, o debate esteve centrado na floresta e na riqueza que ela representa, tanto a nível económico, como ecológico e sociocultural.

Celso Portugal, presidente da direcção dos Bombeiros Voluntários de Arouca (BVA) foi o primeiro a intervir. «Sendo a floresta um dos pilares essenciais de suporte à economia do concelho e tendo já sido considerada "A Grande Riqueza de Arouca", é importante garantir a sua preservação, melhorar a sua produção e recuperar a sua componente ecológica e sociocultural», salientou.

Em Arouca, mais de 80% do território é floresta, maioritariamente privada. Para Pedro Quaresma, da Associação Florestal Entre Douro e Vouga, a certificação florestal é, pois, o caminho a seguir pelos proprietários para se obter um «aproveitamento integrado de recursos florestais» e para um «desenvolvimento rural sustentável». «O proprietário tem de perceber que com uma boa gestão pode rentabilizar mais a sua floresta. Com a certificação, ele atribui valor acrescentado à exploração e aos produtos associados, aumentando a rentabilidade da propriedade», defendeu.

Já o professor da Universidade Católica e presidente da Associação Florestal do



Conferência e debate decorreu no auditório da Loja Interactiva Turismo

Vale do Sousa defendeu a gestão partilhada da floresta. Américo Mendes criticou as políticas florestais adoptadas em Portugal e avançou a gestão florestal agrupada (criando, por exemplo, organizações de produtores) como uma forma de contornar a fragmentação da floresta resultante do facto de ser maioritariamente privada.

A valorização energética dos sobrantes (biomassa) foi outra das soluções apontadas para a qualidade e sustentabilidade da floresta. Ricardo Sousa, da empresa ForestCorte, realçou a «importância da biomassa para a redução do risco estrutural de incêndios florestais e para a produção energética».

Numa visão mais romântica, os testemunhos dos representantes dos movimentos Matéria-Prima e Gaio reforçaram a importância do envolvimento dos cidadãos na reabilitação e preservação da floresta. Ambos têm levado a cabo plantações na Serra da Freita com vista à preservação da fauna e flora diversificadas, desenvolvendo ecossistemas equilibrados, e têm 'conquistado' cada vez mais voluntários para arregaçar as mangas e trabalhar na defesa de um bem

que é de todos.

Victor Louro, engenheiro silvicultor e ex-dirigente da Direcção Geral de Florestas, reforçou a importância da mobilização dos cidadãos na defesa e gestão eficiente da floresta. «Sem a participação das pessoas é impossível as coisas darem certo. As pessoas e as comunidades não podem ser apenas os destinatários das políticas, têm de ser parte integrante. Se não houver processo participativo, não se vai a lado nenhum», realçou.

Ouvidos todos os testemunhos, a vice-presidente da Câmara Municipal de Arouca, Margarida Belém afirmou: «Temos sempre pressa para culpar alguém e é atribuída ao Município de Arouca grande parte dessa culpa, mas, na verdade, num território em que a floresta é maioritariamente privada, a lei não nos permite agir de uma forma mais efectiva no ordenamento florestal. Tivemos aqui pensamentos díspares que devem ser compatibilizados. É difícil, demora tempo, exige uma grande reflexão e a mobilização colectiva. E é esse o nosso compromisso: sentar todos à mesa, encontrar em conjunto soluções que melhor se adequam ao nosso território».

## Incêndios dominam debate no segundo dia

No segundo dia, dedicado à temática incêndios, Carlos Esteves, comandante do quadro de honra dos BVA, falou da evolução das formas de combate em Arouca ao longo do tempo, fazendo referência ao que se ganhou e ao que se perdeu. «Ganhámos formação teórica e prática, melhorámos a estratégia de combate, recebemos mais e melhor equipamento e vimos reconhecer pelas populações o nosso trabalho. No entanto, perdemos património florestal significativo e parte do apoio das populações no combate e na vigilância pós-incêndios», enumerou.

Seguiu-se a intervenção do 2.º Comandante dos BVA. José Filipe Pinho falou da progressão e do combate aos últimos grandes incêndios em Arouca (2005 e 2016) e apontou medidas para tornar o combate mais eficaz. «O ambiente de fogo (combustível, meteorologia e relevo) e a capacidade de ataque inicial (tipo, quantidade e organização dos meios de combate e infra-estruturação do território) são factores decisivos», afirmou. «Arouca sem grandes incêndios depende de todos», rematou.

A freguesia de Tropeço é um bom exemplo do envolvimento da população na prevenção e combate a incêndios. «Somos bombeiros sem farda», disse o presidente da Junta, Adriano Soares Francisco. «O combate a incêndios em Portugal está a tornar-se uma indústria de milhões e pouco se faz na prevenção», lamentou. Para o autarca, «o Governo tem de legislar». «A Câmara Municipal e as Juntas de Freguesia têm um papel importantíssimo no território e têm de ter competência para fa-

zer mais. Devíamos fazer um plano director municipal florestal, reconhecimento do terreno, definir linhas estratégicas e acções de sensibilização, porque a floresta é realmente um bem essencial», defendeu.

Do Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF) veio Manuel Rainha para falar das estratégias de gestão de combustíveis que estão a ser adoptadas no Perímetro Florestal da Serra da Freita, nomeadamente as faixas e mosaicos de parcelas com vista à redução do risco de incêndio.

Já Paulo Fernandes, da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, centrou a sua intervenção nas oportunidades e constrangimentos do fogo controlado para a redução de combustíveis. «O fogo controlado é uma solução fácil e barata para a gestão de combustíveis. Claro que tem de ser feito por técnicos certificados e em condições ambientais bem definidas. No entanto, num país que tem como base o combate ao fogo, é difícil a implementação do fogo controlado», lamentou.

No encerramento das Jornadas da Floresta, o Presidente da Câmara fez um balanço positivo da iniciativa e lamentou os entraves que a legislação impõe à actuação dos municípios no sector florestal. «Em Arouca há linhas orientadoras para o turismo, indústria e espaço urbano e agora coloca-se o desafio do ordenamento florestal. Temos de ter um plano de desenvolvimento para a floresta. O ordenamento e a fiscalização são absolutamente fundamentais. Todos temos responsabilidade de olhar para a floresta na lógica do interesse geral, para benefício de todos», concluiu José Artur Neves.



PRESTÍGIO E QUALIDADE NO FABRICO DE TODO O TIPO DE DOCES REGIONAIS



Remetem-se encomendas para qualquer ponto do país

morcelas · cavacas · melindres · castanhas doces  
roschas de amêndoa · charutos de amêndoa  
barrigas de freira

Atendimento eficiente e distinto!

PÃO DE LÓ  
DE AROUCA

Alberto Teixeira Pinto & Filhos

Tel. 256 944 115  
casapaodeloalbertoteixeira.com  
BURGO - AROUCA